**TRÊS OLHARES SOBRE A PINTURA**

Ainda que mantenham ateliês individuais, os pintores Felipe Góes, Fernanda Izar e Jeff Chies muitas vezes expõem sob a rubrica do coletivo “Terça ou Quarta”, como nesta mostra que se realiza no Museu de Arte Contemporânea de Campinas. O trio tem por hábito reunir-se sistematicamente para discutir experimentações, descobertas, riscos que assumem, resultados que alcançam, dúvidas e indagações que incomodam ou instigam, dilemas e provocações que surgem.

Felipe Góes, Fernanda Izar e Jeff Chies têm diversas afinidades e muitos pontos em comum. Entre eles, o fato de que suas pinturas demandam um tempo de observação que permita o aparecimento de sutilezas próprias a cada um. À medida que o olhar se deixa levar pela sedução das cores, a percepção automática e rasa se desfaz, o ritmo alucinante a que nos habituamos a viver fica esquecido do lado de fora dos ateliês. Limpa-se os pés no capacho à soleira para entrar numa dimensão outra, que tem como prerrogativa a aceitação de um tempo pausado, quase suspenso, transformando rapidamente o que parecia uma exigência em privilégio. Privilégio do ingresso numa rotação desacelerada, do acesso aos mistérios da pintura e do deleite que essa iniciação é capaz de oferecer.

As grandes dimensões das telas de Jeff Chies, o emprego de pincéis largos e o registro de gestos por vezes bastante amplos, dão indícios do embate corporal que o artista tem com a tinta e o suporte. Se em trabalhos anteriores o preto era tido mais como uma possibilidade de demarcação de zonas pictóricas – e, portanto, assumia uma natureza linear – nos trabalhos ora apresentados, o negro surge como cor em variações tonais, amalgamado ao branco. E, se na série anterior havia uma predominância de gestos sinuosos, na atual se percebe uma estrutura mais organizada, ainda que construída de forma igualmente gestual. Nesse conjunto de trabalhos observa-se um procedimento frequente que consiste no emprego de pinceladas horizontais curtas e largas, “empilhadas” umas sobre as outras, resultando visualmente em manchas verticais; inversamente, traços verticais constroem grossas marcas horizontais. As ortogonais são entrecortadas por gestos sinuosos com diferentes densidades matéricas, que se escondem e se insinuam sob, sobre e entre a grade estruturante, sugerindo espaços e camadas de tempos, que nada mais são do que registros do próprio processo da pintura.

Esta série de Fernanda Izar pode ser compreendida, à primeira vista, como experiências de construção da pintura por meio do choque entre campos de cor: verdes e amarelos cítricos se avizinham de tons turquesas, que por sua vez são colocados lado a lado com roxos, rosas e laranjas vivos. A ousadia no emprego de cores “difíceis”, por assim dizer, é proporcional à sua especial habilidade em lidar com elas. Na fronteira entre as manchas de cor se entrevê a memória do seu fazer, das escolhas iniciais, dos pentimentos às últimas decisões formais. Entretanto, à medida que o conjunto de sua obra é analisado, percebemos que estas imagens também podem ser entendidas como paisagens. Desde que começou a produzir, esse gênero tem sido seu fio condutor na exploração de diferentes possibilidades da pintura: primeiro de uma maneira referencial, inequívoca; depois, paulatinamente, as paisagens foram se tornando cada vez mais sugestivas. Recentemente, apresentou uma paisagem instalativa, no ateliê A Pipa, em São Paulo. Para esse trabalho, a artista realizou uma série de fotografias do céu ao entardecer, decupou as cores encontradas e transferiu-as, em forma líquida, para potinhos de acrílico transparente suspensos no espaço, resultando numa paisagem imaginária, de grande potência poética.

Num percurso inverso ao de Izar, a pintura de Felipe Góes se inicia como experiências de cor, de teor abstrato, livres de referências externas. Entretanto, olhando em retrospecto, obras que se apresentavam como áreas inespecíficas de cores, hoje podem ser interpretadas como insinuações de paisagens, com horizontes bem definidos. A guinada ocorreu há cerca de um ano, com a inserção da figura de um barco vermelho e rosa num plano verde. A partir de então, muitas das experiências anteriores subitamente puderam ser entendidas como remanescências de paisagens. No conjunto de telas selecionadas para o MACC, a pintura é assumida como paisagem à medida que Góes insere elementos figurativos em meio às grandes áreas de cores construídas de forma sutil, por meio da sobreposição e/ou justaposição de tons próximos. As figuras inseridas com parcimônia em alguns trabalhos (como guarda-sóis, pedras ou galhos) dão a chave de entrada para o espaço da pintura; já em outras telas, a figura se apresenta com maior definição – ainda que estruturada pela cor –, enunciando espaços menos ambíguos. Este é o caso de pinturas em que o artista se utiliza de padronagens para criar “lugares” como uma piscina ou um calçadão à beira-mar.

Felipe Góes, Fernanda Izar e Jeff Chies são três artistas que compartilham inquietações, conquistas e vontade de explorar e compreender a natureza da pintura. Embora a referência à história da arte esteja sempre presente, chama a atenção o desprendimento de cada um deles para experimentar, buscar soluções próprias, gerando pinturas de grande frescor visual.

Texto de Regina Teixeira de Barros

Dezembro 2011

Catalogo da exposição coletiva Lugares do “Coletivo Terça ou Quarta” no MAC Campinas